[Recensão a] William R. Biers, Mirobriga. Investigations at an Iron Age and Roman site in southern Portugal by the University of Missouri—Columbia

Autor(es): Alarcão, Jorge de

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45578>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_28_14

Accessed : 26-Apr-2023 16:27:21

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXVIII

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1989

são medievais. Os pontos P 07, 16 e 46 não parecem corresponder a minas concretas, mas a grandes áreas nas quais se localizam diversas minas, aliás de cronologia incerta. Quase todas as explorações aluviais de ouro e de estanho registadas no *conventus scallabitanus* são incertas por falta de materiais claramente associados, embora a sua atribuição à época romana nos pareça provável. As estações P 37 e 38 devem reduzir-se a uma só, na qual é manifesta a exploração medieval, mas não a romana. Diversas referências bibliográficas apontadas revelam cepticismo ou cautela quanto à cronologia romana, facto que o autor não salientou devidamente. Há ainda um ou outro erro de integração administrativa.

Relativamente às cetárias, a estação G 01 deve ser desdobrada em duas, Ilhéu da Baleeira e Forte de Beliche; a bibliografia citada por Edmondson não regista, porém, cetárias em nenhum destes pontos. A estação C 05 deve ser suprimida e substituída por Lagos, cidade onde se encontraram cetárias junto ao Hospital Militar. Os vestígios referidos em C 15A não devem corresponder a cetárias, visto que no Largo da Sé, em Faro, se situava o forum de Ossonoba. Os tanques referidos em G 17, 23, 28 e 38 devem ser considerados com suspeição. Os tanques de G 24 são geralmente considerados como tanques de tinturaria e não de salga.

JORGE DE ALARCÃO

William R. Biers, *Mirobriga. Investigations at an Iron Age and Roman site in southern Portugal by the University of Missouri—Columbia*, 1981-1986. Com contribuições de Jane G. Biers, Albert Leonard Jr., Kathleen Warner Siane, Maura F. Gorman e Craig E. Order. *British Archaeological Reports*, International Series, 451, Oxford, 1988, 1 vol., 244 p. -h 297 figs.

O volume agora editado constitui relatório parcial das escavações realizadas em Mirobriga pela Universidade de Missouri — Columbia.

A área escavada de Mirobriga é relativamente reduzida (2,8 hectares). Inclui uma acrópole cujo significado se mantém duvidoso (forum ou santuário?), diversos edificios parcialmente escavados ao longo das ruas que descem pela encosta, duas termas na base dela e um circo. Os investigadores americanos realizaram o primeiro levantamento topográfico completo do sítio e este é, sem dúvida, um dos mais importantes contributos que a obra nos traz.

A distância entre a acrópole e o circo é considerável: mais de 600 metros. Assim, impunha-se pelo menos uma batida sistemática do terreno entre o núcleo urbano conhecido e o circo, de modo a detectar eventuais vestígios de

construções. A batida não produziu os resultados esperados : não se detectaram ruínas e a colheita de materiais dispersos à superfície do terreno foi extremamente pobre. Conclui daqui o autor que a área urbana era efectivamente reduzida e que o circo ficava mesmo distante do aglomerado, isolado, sendo a sua localização eventualmente justificável pela proximidade de uma estrada. Os vestígios de Mirobriga sugeririam assim um pequeno aglomerado, mais do que uma verdadeira cidade. Aliás, a ausência de uma basílica, de muralhas e de necrópoles confirmaria a interpretação do sítio como simples santuário, o que já havia sido sugerido por Fernando de Almeida.

Esta interpretação parece-nos contraditada pelo facto de Plínio citar os *Mirobrigenses qui Celtici cognominantur* entre os *oppida stipendiaria* da Lusitânia. Na lista que apresenta em IV, 118, o Naturalista não menciona, a nosso ver, senão as *civitates*. Temos, pois, de admitir o facto de Mirobriga ter sido capital de *civitas*. Como uma área de 2,8 hectares é efectivamente muito pequena para uma cidade capital, devemos admitir que os vestígios até agora postos a descoberto correspondem apenas a uma parte da cidade; e se esta efectivamente não se estendia entre a colina e o circo, será nas encostas e eventualmente a norte da acrópole que devemos procurá-la.

Apesar de não se terem localizado as necrópoles de Mirobriga, conhecem-se diversas inscrições funerárias. Uma delas (ENCARNAÇÃO, *Inscrições romanas do conventus pacensis*, n.º 158) refere-se a um cidadão inscrito na tribo Quirina. Se a inscrição CIL II 25 (= IRCP, n.º 150) é, como sustentam os autores, prova débil da categoria municipal de Mirobriga, aquela inscrição constitui um argumento inegável pelo menos para o *ius Latii* da cidade. Aliás, na própria inscrição GIL II 25, se a leitura *Municipii Flavii Mirobrigensis* é duvidosa, refere-se todavia um edil e duúviro.

Não podemos, pois, seguir os autores na interpretação que fazem do sítio. Teremos também de lamentar a opção pelas termas e pelo circo em vez da acrópole. A competência com que sondaram e restituíram estes edifícios, se tivesse sido aplicada na acrópole parcialmente escavada po*- Fernando de Almeida, teria resolvido o problema: trata-se de um santuário ou de um forum?

A acrópole era dominada por dois templos. Não vemos razão para duvidar de que o templo com ábside corresponde a um santuário de Vénus e achamos pouco viável a hipótese de que se trata de uma basílica paleocristã. Concordamos todavia em que não existem provas de que o templo principal era consagrado a Esculápio. Poderia tê-lo sido ao culto imperial, a Júpiter ou a Marte.

Se o edifício do lado nascente da acrópole não pode interpretar-se como uma basílica, já não diremos o mesmo da construção que se observa a poente; mas apenas a re-escavação deste conjunto monumental poderá vir um dia a resolver o problema que ele nos põe.

William Biers descreve pormenorizadamente todos os vestígios hoje visíveis de construções na colina. Na maior parte dos casos, trata-se de pequenos estabelecimentos comerciais ou industriais ; mas só uma re-escavação

permitiria recuperar as plantas e determinar a probabilidade de terem tido um piso superior destinado a residência dos próprios comerciantes ou artífices. Entre estas lojas, o autor nota a excepcional solidez de um edifício que admite possa ter sido um templo. A interpretação não nos parece muito convincente.

A maior e mais segura parte desta obra é todavia consagrada ao exame do circo e dos dois edifícios termais. Aliás, foi apenas no circo e nas termas que o Prof. Biers realizou sondagens tendentes à reconstituição da planta e à determinação da cronologia.

O circo, construído talvez na primeira metade do séc. IIe sem quaisquer materiais que permitam afirmar a sua manutenção no séc. IV ou V, é uma estrutura tão pouco monumental (apesar das suas dimensões: 559 X 77,5 metros) que o autor é levado a perguntar-se se serviu de facto para espectáculos ou apenas para treinos. A pergunta não deixa de ser pertinente, embora nos pareça que os assentos para os espectadores poderiam ter sido estruturas precárias de madeira que não teriam deixado vestígios.

A descrição das termas é circunstanciada; a interpretação que é feita das sucessivas fases de evolução das Termas Orientais, convincente ; a cronologia, embora assente em escassos dados, parece aceitável. Teríamos, assim, primeiramente, umas pequenas Termas Orientais, com uma palestra relativamente considerável, construídas nos inícios do séc. II d. G., pelo mais tardar; depois, umas Termas Ocidentais edificadas na segunda metade do mesmo século; no séc. III, as Termas Orientais teriam sido reconstruídas e alargadas, à custa da sua própria palestra; talvez ainda na segunda metade do séc. III, estas mesmas termas teriam sido abandonadas, mas as Termas Ocidentais teriam sobrevivido.

Construídas umas junto das outras, ocupando os dois braços de um L, as duas termas poderão ter servido umas para homens e outras para mulheres. Pode surpreender-nos o facto de não terem sido instaladas ainda no séc. I d. C. ; mas talvez noutro ponto da cidade venham a encontrar-se termas mais antigas. Aliás, a cronologia não nos parece extremamente segura. As Termas Ocidentais já estavam totalmente escavadas e as Orientais, quase completamente descobertas. Os autores não puderam, pois, estabelecer a cronologia senão a partir de reduzidas sondagens cujos materiais não foram, infelizmente, nem abundantes nem ricos.

O estudo dos materiais recolhidos, quer nas sondagens, quer na batida do terreno, constitui objecto de apêndices. Outros apêndices são consagrados à análise de telhas e tijolos encontrados nas termas, ao estudo técnico das pinturas murais e à geologia do sítio.

O trabalho apresentado pelo Prof. William H. Biers é uma monografia que merece louvores. Esperemos que David Soren e Olívio Gaeiro nos proporcionem, brevemente, os resultados das investigações de que directamente se encarregaram noutros pontos de Mirobriga.

JORGE DE ALARCÃO